

# Sucessão na Visão de Jovens, Filhos de Produtores de Leite Cooperativados

*Sérgio Rustichelli Teixeira  
William Fernandes Bernardo  
Pricila Estevão*

## Introdução e Objetivo

Levantamentos em propriedades leiteiras de várias partes do país tem demonstrado que a média de idade do proprietário<sup>1</sup> é elevada, sugerindo que poucos jovens estão assumindo a gestão destas propriedades. O que está em jogo quando o assunto é definir e estimular jovens a assumirem a sucessão de propriedades leiteiras? É importante considerar que herança e sucessão são assuntos difíceis de lidar dentro das famílias, pois envolvem , divisão do patrimônio e gestão dos negócios após a morte do pai ou avô. Particularmente na agricultura familiar, em que a residência se mistura com atribuições laborais na rotina familiar, a escolha pelo indivíduo a suceder a gestão da propriedade significa, na maioria das vezes, um processo difícil de decisão (BERNARDO, 2009).

Diferentemente de outras atividades econômicas, as relações familiares são de fundamental importância para a agricultura familiar (DINIZ, 2013). As estratégias familiares em relação ao uso da terra influenciam fortemente a sucessão, como a distribuição do trabalho na propriedade ou fora dela, a intensidade do trabalho, as associações informais entre parentes e membros da comunidade, etc. Assim, combinando os recursos que dispõe na unidade de produção com aqueles a que pode ter acesso fora da propriedade, a

---

<sup>1</sup>O texto irá trabalhar com o masculino, mas considerando a equidade de gênero.

---

família define estratégias que visam, ao mesmo tempo, assegurar sua sobrevivência imediata e garantir a reprodução das atividades pelas gerações subsequentes (WANDERLEY, 1999).

No passado, ter muitos filhos, principalmente homens, era uma garantia de mão de obra. A partir da metade do século XX, grande parte dos jovens optou por migrar para os centros urbanos em busca de oportunidades de desenvolvimento profissional e realização pessoal. Vários fatores podem explicar o abandono do trabalho na agropecuária, dentre eles a dedicação intensiva, os riscos climáticos e os riscos mercadológicos e biológicos a que está sujeita a produção leiteira. Muitos jovens preferem ter um emprego fixo na cidade, com salário certo, férias, finais de semana livres e carteira assinada (BERNARDO, 2009). Se além do trabalho, o jovem residir na cidade, poderá contar com mais opções de lazer e condições para estudar e crescer na carreira profissional. Ou seja, nas condições atuais no Brasil, o rapaz na cidade parece possuir mais condições de desfrutar de sua juventude que outro que reside e trabalha no campo. Para as moças, a vantagem ainda é maior porque a elas, na maioria dos casos, é limitada ou vedada a sucessão da propriedade.

Por parte do produtor de leite sucedido, uma das maiores dificuldades é lidar com mudanças no arranjo familiar, especialmente com a perda de poder. A partir do momento em que o pai passa o controle da propriedade rural para o filho, ocorre a passagem de comando e, em certo sentido, ele perde sua função de administrador financeiro da família e, em decorrência, ocorre sua morte social (BERNARDO, 2009). O sentimento dos mais velhos não é o tema deste capítulo, mas merece ser mencionado para facilitar o entendimento sobre o relacionamento com os jovens. Para o futuro das propriedades, um plano para a sucessão seria certamente uma boa solução. O plano de sucessão deve começar com uma gestão compartilhada para transferir, gradualmente, a propriedade para o sucessor e, assim, diminuir o possível trauma do processo sucessório. Seria algo como uma corrida de bastão, o momento em que os pais passam gradualmente para os filhos o conhecimento e visão de negócios.

A juventude pode ser compreendida como um estágio limiar entre a infância e a fase adulta (WEISHEIMER, 2007). É um período em que o

futuro está em construção diante da realidade em que o jovem se encontra, e uma libertação da influência importante da família. Apesar das muitas divergências no Brasil e no exterior, a maioria das pesquisas apontam juventude como a idade entre 15 e 24 anos, período de ascensão à vida adulta (ABRAMO, 2008). Nesse contexto, qual seria a percepção dos jovens sobre temas como “trabalho na atividade leiteira, renda no campo e motivação, diferenças entre gênero, relacionamento entre pais e filhos e sucessão e cooperativismo?” O objetivo deste capítulo é justamente relatar como jovens, filhos de produtores de leite associados a cooperativas, veem a atividade leiteira sob estes temas.

## Metodologia

Foram realizadas duas Reuniões de Grupo Focal (RGF) com dois grupos de jovens filhos e filhas de produtores rurais cooperativados de Minas Gerais, predominantemente produtores de leite, totalizando 17 pessoas. Estes jovens participaram, antes da reunião, de um curso sobre pecuária de leite na Embrapa Gado de Leite, em Coronel Pacheco (MG). A escolha dos jovens para participar do curso na Embrapa foi feita pelas cooperativas, ligadas ao Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop).

A RGF é originária da pesquisa de mercado e tem como característica a obtenção rápida de resultados (BARBOUR, 1999). O método preconiza a participação de oito a 12 pessoas diretamente envolvidas no assunto em foco (*stakeholders*) para discussão de um tema central. Além dos *stakeholders*, o método demanda um facilitador e um apontador das informações relevantes. Cabe ao facilitador, a explicação sucinta do propósito e da forma de condução da reunião, a formulação de poucas perguntas, a minimização de conflitos e a manutenção do foco. Ao apontador cabe registrar os depoimentos (MORGAN, KRUEGER; KING, 1998; BARBOUR, 1999). A RGF não é um processo passivo, sendo uma técnica que demanda vivência no tema, participação e debate; daí a importância na seleção dos participantes (STEWART; SHAMDASANI,

1990). As informações colhidas nas duas reuniões de grupo focal citadas foram tratadas quanto ao conteúdo, reunidas em temas similares abordados ao longo da discussão, e são apresentadas a seguir. Por questões de sigilo, não são informados nomes e origem dos participantes.

## Resultados e Discussão

Para melhor apresentação dos resultados, as discussões realizadas nas reuniões de grupo focal foram agrupadas nos temas apresentados anteriormente. Os depoimentos individuais dos participantes estão destacados com aspas. Somente palavras faladas de maneira errada, como nós vai, estão em itálico. Nem todos os depoimentos foram registrados neste capítulo, somente os mais significativos e relacionados aos temas escolhidos, de modo a ilustrar/reforçar os resultados extraídos dessas discussões.

### Trabalho na atividade leiteira

A atividade leiteira é conhecida pela “dureza” do trabalho e por tomar a quase totalidade do dia de serviço. Esta característica foi confirmada pelos jovens entrevistados.

“É trabalho demais. Acho [o trabalho] muito difícil”.

“Tem que acordar cedo e não tem hora. O meu pai é um que fica pra fazer tudo sozinho. Ele levanta cedo, não tem feriado, não tem final de semana, não tem vida social. Acho muito complicado”.

“O povo não quer trabalhar na roça. Quem é da cidade quer trabalhar na cidade.”

“Ninguém quer mais trabalhar na roça [...] Levanta quatro horas da manhã, para as seis da tarde. [...]” “Eles saem do balde [de leite] as sete horas da manhã, pega o enxadão e vai bater pasto até duas horas e já fecha o gado [na sala de ordenha] e vai até seis horas da tarde tirando leite de novo.”

Um dos participantes reforça o labor demandado pela atividade de produção de leite, mas reconhece a importância econômica e social para sua família.

“Olha, do leite eu não tenho nada a reclamar dele. É muito trabalhoso. Não tem final de semana, não tem feriado, é todo o dia ali. Se você deixar de tirar leite

---

um dia já dá problema. Mas eu levo uma vida muito boa, tudo com o dinheiro do leite. Meu pai paga faculdade para mim, eu moro fora faz três anos”.

“O meu pai ensinou a gente a gostar de criar gado de leite.”

Dos comentários acima, se depreende que os jovens acreditam que o trabalho na atividade leiteira é bastante penoso em termos de esforço físico e ocupa o trabalhador na maior parte do dia, durante todos os dias do ano. Mas também valorizam o prazer de trabalhar com o leite. Entre os depoimentos registrados constatou-se que há uma prática de contato com a atividade agropecuária dentro da família. Essa prática representou ao jovem uma afinidade com o gado de leite, que pode se manifestar no desejo de continuar com a produção leiteira em função do que ela proporciona de retorno à família. Há um lapso entre ter afinidade e tomar a decisão de trabalhar, que envolve outros elementos, como a perspectiva de renda e o tipo do trabalho.

Como o trabalho com a agropecuária vem muitas vezes associado com a residência no meio rural, a decisão pela continuidade na atividade leiteira também incluirá aspectos da moradia, positivos e negativos. Abramo (2008) citou que o valor do trabalho está vinculado a padrões de interpretar o significado subjetivo do seu trabalho. Esta interpretação está carregada pelo meio onde o jovem foi criado.

Mas como é a abordagem dentro da família para “ensinar a gostar de criar gado de leite”? Como fazer com que um filho tenha afinidade pela pecuária de leite? Pode-se inferir que seria o mesmo que seguir a profissão dos pais de médico, motorista, advogado, pedreiro, dentista, carpinteiro, comerciante, mecânico ou agricultor. Por mais estruturado que seja o negócio dos pais, os filhos podem ter outra aptidão e seguir outro caminho. Dará continuidade aos negócios se tiver afinidade ou, se na falta de paixão, não houver alternativa.

## **Renda no campo e motivação**

A raiz rural parece travar uma batalha contra o baixo retorno financeiro da atividade. Esta raiz mostrou-se importante na motivação para continuar ou voltar para o meio rural e suceder os mais velhos. Toates (1986) escreveu

que as “coisas” não acontecem simplesmente ou espontaneamente, elas são impulsionadas para acontecer. As pessoas se comprometem a mudar quando acreditam que vale a pena e quando estão muito envolvidas para contribuir, de acordo com seus valores (CLARK; TIMMS, 1999). Por outro lado, a atividade leiteira é reconhecida pelo jovem como sustentáculo da família.

“Meu pai começou em 1992 com cinco litros de leite. Tudo que nós temos lá em casa desde o curral até na minha casa foi centavo em centavo que a gente tirou do leite. Então nós luta e tudo o que a gente faz é através do leite. Então eu gosto da atividade e pratico com ele. Então eu pretendo ficar até não sei que ponto. Nós somos quatro filhos e o mais novo é homem, tem 15 anos.”

“Eu e meu pai trabalhamos juntos. O leite vai ficar comigo, quero fazer Zootecnia.”

“Quero ficar na propriedade, se der certo. Produzimos outros produtos, mas o leite serve para manter”.

“Não quero sair da atividade. Meu pai vende genética [Girolando]. Nosso gado tem vacas de 20 L por dia”.

[...] Acho que deveriam ter algumas políticas voltadas para o produtor rural pra ajudar a motivar. A maioria dos produtores são todo mundo de idade. E filhos e netos estão indo para a faculdade pra estudar e não seguir aquela profissão. Quando tiver pouquíssimo mesmo, aí a política do governo vai incentivar, mas na hora que tiver lá no fundo. Então eu acho que devia fazer isso antes”.

Os depoimentos mostram a vontade de ficar na atividade e na propriedade onde vivem, mas pedem mais apoio de políticas públicas para ajudar a manter quem quer trabalhar no meio rural. A questão financeira é decisiva para a motivação ou desmotivação dos jovens em permanecer na atividade leiteira. O pragmatismo dos jovens demonstra a importância da expectativa de renda do trabalho na agropecuária.

“Não fico na atividade se o leite não pagar as contas”.

“É o dinheiro no bolso, é a cultura”.

“Preciso provar para mim que leite dá dinheiro”.

“Minha melhor alternativa é ficar na propriedade, não pelo trabalho, mas pelo dinheiro. Não quero sair, pois tenho mais garantia na fazenda do que na cidade”.

“Se algum dia eu for mexer, eu pretendo tirar dinheiro de outro lugar pra tocar. Eu acho muito complicado a pessoa tirar a renda só da fazenda”.

A maioria dos jovens foi enfática em dizer que quer seu futuro vinculado ao meio rural, seja comprando a própria fazenda ou herdando. A atividade leiteira requer um grande investimento em patrimônio, entretanto tem baixo retorno financeiro e coloca os jovens diante de incerteza quanto ao seu futuro na propriedade. Desse cenário parece advir a imagem negativa da atividade, especialmente para pequenos estabelecimentos de produção de leite. Esta imagem é reforçada com artigos como “Pesquisa revela: maioria das fazendas dá prejuízo”, publicado em 08/02/17 pela revista “Estudos Socioeconômicos e Ambientais” (SILVA, 2017). Apesar dessa visão, os jovens reconheceram que a atividade paga as contas, ajuda a melhorar a vida da família e permite aos jovens se graduar.

## Diferenças entre gênero

Com relação ao trabalho da mulher na agropecuária, houve divergências entre os jovens. Há quem defenda que as mulheres podem assumir as mesmas funções dos homens, enquanto a maioria defende que cabe às mulheres trabalhos leves e ligados à ordenha higiênica e jamais ligados à gestão de empregados de campo. A diferença física entre homens e mulheres foi citada como determinante para a escolha do tipo de trabalho. Para as mulheres ficou o trabalho com a administração e o trabalho na ordenha mecânica. Houve divergências quanto à posição da mulher na gerência e lida com pessoal de campo: para uns há dificuldade e para outros há uma vantagem pela paciência das mulheres.

“Não tem nada dessa de sexo frágil eu acho que tá muito equiparado. Não tem diferença, mulher pode cuidar da fazenda igual homem”.

“Funcionário homem presta mais atenção na explicação da mulher dando ordem do que quando a ordem vem do homem”.

“Já tive experiência na atividade leiteira. Ordenha com mulher vai melhor no aspecto de higiene e o resultado é mais leite. O homem vai tocando.”

“Divido o trabalho. O trabalho bruto fica com os homens. A mulher fica com a administração, ordenha, etc.”

“Por ser mulher e tal, tem esse tipo de coisa. Lá na região é muito difícil uma mulher tocar uma fazenda. Você trabalhar com funcionário, homem não te respeita. Você fala e ele não obedece. Essas coisas assim. Mas quem sabe

pra frente?”.

“Na minha região o produtor gosta de contratar o casal, dando a função mais braçal para o homem e pondo a mulher na ordenha”.

“A tecnologia hoje tem facilitado, mas ainda tem serviço pesado que é complicado pra mulher fazer”.

“Mas eu, sendo mulher, não dou conta de tocar uma fazenda de gado de leite.”

Diferenças de tratamento na família. Foi perguntado: “Vocês acham que há diferença dos pais para tratar meninos e meninas?” As respostas iniciadas com M são referentes a meninos e as com F para meninas. Alguns jovens entrevistados fizeram comentários enfatizando que há diferenças de tratamento na família em relação ao gênero. Outros que não há esta diferença. A seguir estão transcritos alguns dos comentários:

M – “Eu acho que o menino é mais bem tratado”.

M – “Eu já acho que não, minha irmã sempre teve tudo e eu fui o esculachado”.

F – “Na minha casa acho que tratam igual”.

F – “Meu pai fala assim, que desde que colocou a ordenha lá em casa, tudo agora com relação a isso é das mulheres”.

M – “Mulher tem mais paciência de explicar”.

Os poucos comentários mostram uma opinião diferente da relatada por Carneiro (2007, p. 60). O autor comentou que

“a mulher não é reconhecida como trabalhadora agrícola ou não deseja para si esse papel, fato que ao mesmo tempo é resultado de uma discriminação, mas que acaba por impulsionar as jovens a níveis mais elevados de educação e à migração para o meio urbano [...]”.

## **Relacionamento entre pais e filhos – sucessão**

O relacionamento entre filho e pai e sucessão foi um dos temas da reunião de grupo focal. As diferenças de opinião entre pais e filhos se mostraram determinantes para a construção de um futuro para o jovem na fazenda.

---

“Eu só não fiz veterinária, mas vou fazer veterinária e depois eu volto pra trabalhar na fazenda junto com ele. Só que eu pensei o seguinte: o meu pai é uma pessoa muito ignorante mesmo. Ele não aceita opinião minha.”

“Ele enche... demais, nossa senhora! Eu saio de casa [e ele diz:] Oito horas você tem que estar aqui, no máximo nove horas. Fica me regulando demais nos trem que eu faço. Enche o saco demais... eu não guento isso. Ele quer que a gente fica preso, não quer que a gente sai.”

“Eu e o meu pai não dá muito certo.

**A falta de uma boa comunicação leva os filhos a seguirem outros caminhos.**

“Eu falei assim: eu vou formar pra poder ficar brigando com o meu pai? Não. Então eu parti pra outra coisa. Então eu fui fazer engenharia [química]. O meu pai não aceita opinião de técnico nem de agrônomo. O pessoal dentro de casa não incentiva a gente.”

“Eu prefiro trabalhar fora do que lá dentro mesmo. Mas isso aí a gente só sai no prejuízo. Eu vou ver se quando eu voltar eu trabalho com ele”.

Quando se trata de sucessão ou o tipo de trabalho, a preferência é por deixar a sucessão para eles, homens. Uma jovem chegou ao curso na Embrapa com ideia já concebida sobre sucessão. O que predominou foi a ideia de que a propriedade deve ficar com o filho homem, como demonstrado nas duas citações mais significativas para este texto.

“Futuramente deve ser pro meu irmão [o sucessor] porque é só ele de homem. Eu e minha irmã mais velha somos solteiras e só a do meio que é casada. Futuramente deve ficar pra ele, com certeza. Ele [o pai] sempre fala assim: o irmão vai ficar... entendeu? E mais, nossa! [meu irmão] gosta pra caramba! O meu pai criou a gente assim, sabe?”

“Lá em casa é meio complicado porque eu não tenho irmão homem, sou a filha mais velha. [...] Eu moro em Uberaba onde faço faculdade. Pretendo seguir no ramo em engenharia. Depois quem sabe eu volto pra tocar a fazenda, mas não pra mexer com leite. Isso aqui é uma coisa muito complicada”.

**Alguns jovens reforçaram a consciência da atividade associado à família e mostraram a vontade de continuar em sucessão aos pais, demonstrando a persistência para vencer na atividade.**

“O trabalho na cidade é melhor. [...] Mas tem um problema [lado bom]. Lá é da gente. A gente trabalha se quiser, descansa se quiser. Na cidade o patrão tá enchendo o saco da gente. Quando chegar [em casa] eu vou tentar seguir o trabalho do meu pai”.

“E você vai fazer um trem que vai ficar pra você”.

“Se ele [pai] for um pouquinho mais maleável ele consegue muito porque agricultura familiar é uma coisa bacana demais. Você ter ali a sua família trabalhando. Ali você vai estar tirando o seu sustento, vai ter uma vida melhor”

Os jovens entrevistados enfatizaram o conflito entre gerações, a dificuldade de dialogar com o pai, não com a mãe. Mas a maioria quer provar que “dá conta” de melhorar na atividade. Motivam-se em serem donos do próprio negócio e valorizam a proximidade com a família quando se está no meio rural.

## Cooperativismo

O cooperativismo é naturalmente tema relevante entre jovens filhos de cooperados e tem papel relevante na sucessão em propriedades rurais. Predominaram as opiniões sobre as vantagens da cooperativa, o relacionamento com as pessoas e a visão de que a cooperativa será deles no futuro. Valorizam o papel da cooperativa, mas declararam a preocupação que deveria haver com as pessoas no que tange ao relacionamento, com a atitude dos cooperados, com qualificação e com eles.

**Vantagens em ser cooperado** – Os jovens mostraram que tem consciência das vantagens de ser cooperado. O cooperativismo valoriza a participação da família na cooperativa, facilita negociações, financiamento, gera bonificações e facilidades na compra de insumos, assistência técnica, integralização de capital. Entretanto, aproveitaram a entrevista para criticar a falta de comprometimento e fidelidade do produtor com a cooperativa diante de uma vantagem pessoal, ainda que passageira.

“A cooperativa valoriza o trabalho em família”.

“Acredito na cooperativa porque acredito em trabalhar junto. A cooperativa facilita negociações e oferece bonificações”.

“Fica mais barato, no jeito [comprar na cooperativa]. Junta todos pra comprar e compra muito”.

“O produtor tem orientação técnica, veterinário, agrônomo, é muita coisa. Insumo mais barato, compra de gado, de tanque de ordenha. São agentes facilitadores da cooperativa. Eles integralizam o capital lá. Aquilo fica rendendo e quando sair, se for o caso, ele tem um retorno financeiro bom”.

---

“Compra de gado a cooperativa te ajuda. Se não tem dinheiro eles financiam”.

“A cooperativa é um balizador de preço do leite. O que acontece? O leite da cooperativa de [cidade citada] se tiver pagando 95 centavos, vai ter um laticínio fuleiro oferecendo R\$ 0,97. E aí uns cara, por causa de 2 centavos, vai pra um lugar que eles não vão oferecer nada de assistência pra ele. Por conta de 2 centavos perde isso aí tudo. Tudo o que a gente lembrou e muito mais.”

“Só quer saber do preço. O povo tá igual cabrito, correu um pro lado, corre tudo”.

**Relacionamento entre cooperativa e cooperados** – Os depoimentos mostraram haver uma distância cultural entre os membros da cooperativa com os cooperados. A dificuldade de estimular a participação dos cooperados foi muito comentada pelos jovens. Enfatizaram que é preciso fazer com que os cooperados sintam a cooperativa como pertencendo a eles. Seria interessante buscar novas abordagens de comunicação entre a diretoria e os cooperados. Um bom departamento de comunicação pode apontar alternativas.

“A cooperativa é mais do que uma empresa, são pessoas, gosto do sentido de família que existe na cooperativa, é mais do que o preço do leite”.

“Ele tinha que ver que ele é o dono da cooperativa. A cooperativa é um negócio dele. Se vender a cooperativa hoje por um milhão de reais você vai dividir entre os cooperados. Aquilo é dele.”

“Se falar que vai ter uma janta, vai um bocado de gente. Se falar que é um pão com salame não vai ninguém. Eles querem saber de ir lá pra comer.”

“Se falar que tem churrasco e cerveja de graça, aí vai [muitos produtores].”

“Mesmo assim aqueles que precisavam ir, aqueles produtores mais antigos ... não vai, não largam pra nada.”

“Trabalho no sindicato dos produtores, e também faço parte da cooperativa de [cidade citada]. Nossa classe tem que se unir. Eles não são unidos, de maneira nenhuma. É cada um por si. Eles não pensam em união”.

“Temos que mudar a cultura atual, falta quem tenha coragem de mudar. Por outro lado tem gente que corre atrás para não deixar morrer”.

“Não vão [às reuniões] porque o trabalho não deixa e porque não tem interesse.”

“O cooperado participar é para levar ideias para a diretoria, para o conselho fiscal. Ah tá faltando isso na nossa região. Vamos botar o pessoal lá pra qualificar a gente, treinar a gente. Mas a cooperativa vê que o produtor não tem interesse.”

**Linguagem na comunicação** – Por outro lado, os depoimentos mostram o jovem identificando a diferença de escolaridade e de cultura como uma barreira para uma boa comunicação.

“Geralmente a diretoria é mais estudada, os produtores é mais humilde. Não sabe nem conversar”.

“Muita gente é assim. O pequeno produtor que tá lá não tem estudo e o diretor é uma pessoa que fala bem de público, sabe? Vai levantar pra falar [o produtor], vai ficar com tanta vergonha que não vai nem justificar o porquê levantou”.

“Vai levantar só eu? Tinha que levantar mais gente. Fica acuadinho lá de medo”.

“Vai falar sobre o balanço da cooperativa. Eles falam linguagem de contadores. Produtor não vai saber. O que que esse homem tá falando, meu Deus”.

“A cooperativa tinha que levar mais conhecimento, falta dinâmica, motivação para levar pessoas para reuniões.”

“Qualificação. Tem que dar qualificação para o produtor.”

**Cooperativa, jovens e sucessão** – Perguntou-se: “O que você faria se fosse dirigente da cooperativa?” Os comentários colhidos mostraram a intenção de despertar maior interesse de participação dos produtores e jovens, levar cursos como o da Embrapa Gado de Leite para cooperados, formar grupos de jovens.

“O futuro está nos filhos dos cooperados. Todos concordam que a cooperativa tem futuro, mas a cooperativa só tem gente velha... A cooperativa tem que buscar em nós o futuro e comunicar-se na nossa linguagem. A cooperativa precisa estimular os jovens a ficar mais na cooperativa, atrair mais os jovens”.

“Nossa cooperativa está em fase boa, mostra para os jovens que o futuro é deles. Tem dado cursos para jovens, quer que tenham oportunidade.”

“Sempre participo de grupos e reuniões de jovens cooperativistas”.

## Conclusões

A aproximação inicial do curso e o método de abordagem, incluindo a declaração de sigilo das opiniões, ajudou a fazer com que os jovens se sentissem confiantes em expressar suas opiniões.

Houve reconhecimento de a atividade leiteira ser muito intensiva em **trabalho** durante todo o dia. Criou-se ainda uma cultura que, segundo os depoimentos,

---

afasta as pessoas da cidade em participar da atividade leiteira. Por outro lado, apesar da baixa remuneração, foi reconhecida a importância da atividade para sustento da família e possibilidade de custear os estudos de jovens. Assim foi ensinado ao jovem a gostar de criar gado de leite. É como se criasse uma raiz rural que coloca o jovem para travar uma batalha entre o gosto pela atividade e o baixo retorno financeiro. Entretanto, esta raiz mostrou-se importante na motivação para continuar ou voltar para o meio rural e suceder os mais velhos. A maioria dos jovens foi enfática em dizer que quer seu futuro vinculado ao meio rural, seja comprando a própria fazenda ou a herdando. Depoimentos mostram famílias bem sucedidas que começaram com quase nada e hoje tem patrimônio para deixar aos descendentes.

Mas a questão **renda** da atividade é decisiva para a **motivação** ou desmotivação dos jovens em permanecer na atividade leiteira. O pragmatismo dos jovens demonstra a importância da expectativa de renda do trabalho na agropecuária.

Em termos de **gênero** houve divergências entre os jovens. Há quem defenda que as mulheres podem assumir as mesmas funções dos homens, enquanto a maioria defende que cabe às mulheres trabalhos leves na lida diária. A diferença física entre homens e mulheres foi citada como determinante para a escolha do tipo de trabalho.

A diferença de gênero se estende ao **relacionamento** com os pais e a **sucessão**. Que as mulheres recebem tratamento, digamos, menos agressivos, nem assim deixam de ser reguladas quanto a horário de chegada em casa, mas que a sucessão nas atividades deve ser dos homens se houver filhos homens para suceder. Assim, entrevistadas relataram decidindo estudar profissões menos ligadas a produção na agropecuária, como engenharia química ou profissões de cunho social. As dificuldades de relacionamento são atribuídas mais ao relacionamento com o pai do que com a mãe. Com todas as dificuldades de relacionamento ficou demonstrado como forte o vínculo familiar que a atividade proporciona.

No tocante ao **cooperativismo** houve críticas e elogios. Mas os jovens deram maior ênfase às vantagens de se manter vinculado à cooperativa. Mencionaram a valorização do trabalho em família, as facilidades de

negociações e financiamento, as bonificações, as facilidades na compra de insumos, a assistência técnica e a integralização de capital. Em termos de críticas, preocupações quanto ao relacionamento com os cooperados e dificuldade de estimular a participação dos cooperados foram muito comentadas pelos jovens. Os entrevistados relataram que é preciso fazer com que os cooperados sintam a cooperativa como pertencendo a eles. Seria interessante buscar novas abordagens de comunicação entre a diretoria e os cooperados. Um bom departamento de comunicação pode apontar alternativas. Os jovens mostraram que querem ser mais integrados às cooperativas por questão de sucessão na cooperativa. O depoimento “A cooperativa tem que buscar em nós o futuro e comunicar-se na nossa linguagem” é um testemunho desta vontade de integração. Querem promover maior participação dos produtores e dos próprios jovens, querem que sejam promovidas qualificações para produtores, técnicos e jovens. Nesta parte da Reunião de Grupo Focal repetiram que tem a intenção de trabalhar com a atividade leiteira. Estão dispostos a suceder seus familiares na atividade, uma vez superados os conflitos familiares. Entretanto, precisam ser motivados, treinados e ouvidos, seja dentro de casa ou na cooperativa, para serem parte atuante nas modificações necessárias ao setor nos temas abordados neste capítulo.

## Referências

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, W.; BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2008. p. 37-72.

BARBOUR, R. S. (Ed.). **Developing focus group research**: politics, theory and practice. London: SAGE, 1999.

BERNARDO, W. F. **Pluriatividade entre produtores de leite de Guiricema e Ubá**: reflexões para a ação extensionista. 2009. 159 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG. Disponível em: <<http://locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/4108/texto%20completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 9 Mar. 2017.

CARNEIRO, M. J. Juventude e novas mentalidades no cenário rural. In:

---

CARNEIRO M. J.; CASTRO, E. G. (Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 53-66.

DINIZ, F. H.; BERNARDO, W. F.; TEIXEIRA, S. R.; MOREIRA, M. S. de P. Sucessão na agricultura familiar - desafios e perspectivas para propriedades leiteiras. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DO LEITE, 12.; WORKSHOP DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 12.; SIMPÓSIO DE SUSTENTABILIDADE DA ATIVIDADE LEITEIRA, 13., 2013, Porto Velho. **Anais...** Brasília, DF: Embrapa, 2013. 1 CD-ROM.

MORGAN, D. L.; KRUEGER, R. A. et al. **Involving community members in focus group**. Thousand Oaks, California: SAGE Publications, 1998.

PANZUTTI, N, P. M. **Mulher Rural**: eminência oculta. Campinas: Editora Alínea, 2006.

PEREIRA, C. **Sucessão na produção leiteira requer planejamento e diálogo**. Embrapa Brasília, DF, 2015. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/5518307/sucessao-na-producao-leiteira-requer-planejamento-e-dialogo>>. Acesso em: 9 Mar. 2017.

SILVA, R. C. **Pesquisa revela**: maioria das fazendas dá prejuízo. Agropensa, Brasília, 2017. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/agropensa/busca-de-noticias/-/noticia/20400866/pesquisa-revela-maioria--das-fazendas-da-prejuizo>>. Acesso em: 15 set. 2017.

STEWART, D. W.; SHAMDASANI, P. N. **Focus groups**: theory and practice. Newbury Park, Calif.: SAGE Publications, 1990.

TEIXEIRA, S. R.; BERNARDO, W. F.; MOREIRA, M. S. P. O que pensam produtores e jovens filhos de produtores de leite sobre a atividade leiteira. **Revista Extensão Rural**, v. 20, n. 1, p. 8 -11, Jan. – Abr. 2013.

WANDERLEY, M. N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. **Agricultura familiar**: realidades e perspectivas, v. 3, p. 21-55, 1999.

WEISHEIMER, N. Socialização e projetos de jovens agricultores familiares. In: CARNEIRO M. J.; CASTRO, E. G. (Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 237-251.

